

Rede Internacional da Família Anglicana Rede Internacional de Mulheres Anglicanas

Um boletim informativo conjunto durante os 16 dias de ativismo contra a violência baseada no gênero, novembro de 2020

Uma sombra pandêmica

Como as/os anglicanas/os estão respondendo ao aumento do abuso doméstico e à violência baseada no gênero em tempos de COVID-19



Uma Pandêmica Sombria

Editorial



Por Mandy Marshall, diretora do Departamento de Justiça de Gênero no Escritório da Comunhão Anglicana

“Como “o que estamos fazendo” está afetando relacionamentos?” Isto é um fator chave ao analisar como estamos progredindo no caminho de assegurar o florescimento para todos e todas nós. Estamos contribuindo para a melhoria e desenvolvimento de nossa família, amigas e amigos, colegas, paroquianas e paroquianos e membros de nossas comunidades com nossas palavras e ações?

Ou nós diminuimos a luz nelas e neles através do que dizemos e fazemos? Não estamos ao menos contribuindo para apagar aquela luz através de um sopro? O Salmo 139 nos recorda que nós somos criadas e criados por Deus, e de modo maravilhoso. Cada um e cada uma de nós é um presente ao mundo, feitas e feitos à imagem de Deus. Em toda história do universo haverá apenas uma de você. Nós somos exatamente assim genuínas e genuínos. É, por isso, devastador perceber quanta dor e destruição são causadas a tantas mulheres e alguns homens em todo mundo, motivadas por violência baseada no gênero (VBG).

Para este boletim, a Rede Internacional Anglicana da Família e a Rede Internacional de Mulheres Anglicanas decidiram juntar-se e olhar para as respostas à VBG em toda Comunhão. Com cada uma em três mulheres experimentando abuso físico e/ou sexual e com o abuso doméstico crescendo em todos lugares, esta é a sombra da pandemia durante COVID-19. As narrativas estão encorajando e mostram diferentes respostas, desde uma resposta diocesana estruturada em Melbourne, Austrália, até a história sobre uma compostagem e empoderamento econômico em Bangladesh. Estas são respostas bem diferentes à VBG e elas são efetivas, orientadas à ação e apropriadas ao seu contexto. Eu espero que elas encorajem vocês a agir e fazer a diferença onde você puder com o que você tiver à disposição. Nós podemos aprender muito umas das outras, uns dos outros, por toda a Comunhão.

O foco em VBG é oportuno quando nós nos direcionamos aos 16 Dias de Ativismo. Esta campanha global anual chama atenção ao trabalho por todo mundo para acabar com a VBG e também ao trabalho ainda por ser realizado. Os 16 Dias vão de 25 de novembro ao dia dos Direitos Humanos, 10 de dezembro. Este ano eu preparei uma série de painéis e webinars apresentando algumas pessoas maravilhosas, trabalhando para acabar com a VBG. Participe. Detalhes podem ser encontrados na página 19.

É um verdadeiro privilégio me dirigir a vocês como Diretora do Departamento de Justiça de Gênero. Eu assumi a vaga em abril deste ano durante o isolamento no Reino Unido. Ainda tenho que me encontrar com minhas e meus colegas face a face ou ainda me sentar à mesa do escritório. Em meus primeiros meses, trabalhando de casa, eu escrevi um recurso sobre “abuso doméstico e COVID-19: Como Igrejas Podem Responder”. Este está disponível agora em muitas línguas no link <https://bit.ly/34L7ZJU>. Faça o download e leia, e se assegure de que as lideranças de suas igrejas tenham uma cópia deste material.

Nós sabemos que abuso doméstico acontece em igrejas também, mas isto fica frequentemente envolto em silêncio, vergonha e estigma. Nós precisamos levar à luz de Cristo para estes lugares escuros e mostrar amor, compaixão e gentileza às pessoas sobreviventes ao abuso. A quarta Marca da Missão chama a transformar estruturas injustas da sociedade, a desafiar violência de todo tipo e procurar a paz e reconciliação. Não podemos esperar que alguma outra pessoa tome uma posição contra violência; nós todos temos uma responsabilidade de fazer isso, trabalhando juntas e juntos para construir um mundo transformado.

Minha visão é a de ver todas nossas igrejas sendo espaços seguros para todas pessoas. Nós não vamos mais permanecer em silêncio ou fazer vista grossa. Não vamos mais justificar VBG com nossas escrituras ou pensar que não nos diz respeito. Nós, enquanto uma Comunhão global e pessoas cristãs, tomamos

uma posição e dizemos que isto é nossa responsabilidade, esta é nossa igreja. Toda VBG é errada e deve parar. Você vai se juntar a mim nesta jornada conjunta? Entre em contato via mandy.marshall@anglicancommunion.org. Saiba que estarei incentivando você!

Rede Internacional da Anglicana Família (RIAF)

RIAF celebra o potencial dado por Deus da família como uma fonte de relacionamentos prósperos, identidade, pertencimento, discipulado e reconciliação. Como resultado desta celebração, RIAF é uma defensora da família em face de comportamentos que diminuam este potencial, compartilhando narrativas de esperança, promovendo cuidado familiar e sustentando a família como o berço da dignidade humana.

E-mail de contato: iafn@anglicancommunion.org

<https://iafn.anglicancommunion.org>

<https://www.facebook.com/AnglicanFamilies>

Rede Internacional de Mulheres Anglicanas (RIMA)

Nós somos voz profética e clara por todas as mulheres através da Comunhão Anglicana, trabalhando para elevar a dignidade dada por Deus de mulheres e meninas, para erradicar desigualdade e violência baseada em gênero e para promover relações justas entre todas as pessoas.

E-mail de contato: iawn@anglicancommunion.org

<https://iawn.anglicancommunion.org>

<https://www.facebook.com/groups/IntAngWomen>

Foto da capa: Workshop ‘Diga não à Violência’, Lahore, Diocese de Raiwind

Conteúdos:

Quando o lar não é um porto seguro	4
Utilizando a mídia para quebrar tabu	5
Ação diaconal enquanto VBG aumenta	5
Homens como defensores e vítimas	6
“Jantar na Igreja” gerando consciência	7
Workshop “Diga Não à Violência”	8
Parceria para restauração	9
Recuperando uma “Esperança de Vida” (‘Esprit de Vie’)	10
Um abrigo para atender às necessidades	11
Compostagem e Dignidade	12
Construindo uma diocese livre de violência	13
Assistência legal e aconselhamento	14
A importância de compartilhar narrativas	16
Apoio diocesano comprometido	17
Alguns recursos para nos ajudar	19
‘Não mais 1 em 3’	20
Vivo e amoroso Senhor Jesus,	20

Quando o lar não é um porto seguro

Por Hana Kirreh, uma mulher árabe palestina nascida em Belém que vive em Jerusalém onde ela é membro da comunidade de fala árabe na Catedral de Saint George.

Como na Cisjordânia e em todo o mundo, a COVID-19 se espalhou por Jerusalém Oriental. Desde o início de março, o Ministério da Saúde impediu encontros, reuniões e trabalhos em locais de trabalho e as pessoas foram solicitadas a se confinarem em casa.

Devido à situação difícil e às restrições de movimento, as oficinas de conscientização e empoderamento econômico, que normalmente conduzo ou coordeno para mulheres em Jerusalém Oriental, foram congeladas por razões de segurança. Estar confinado por mais de 55 dias no início da pandemia não foi fácil. O confinamento foi renovado em Jerusalém Oriental desde a última semana de setembro, com



Realizando uma oficina antes do "Confinamento" da COVID-19

regulamentos e restrições mais rígidos. O que torna as coisas piores é que muitos ou muitas chefes de família perderam seus empregos, o que piorou uma situação econômica já terrível, ou a renda foi reduzida.

O confinamento tem mais repercussões nas mulheres de Jerusalém como acredito que tem em muitas mulheres em todo o mundo que podem compartilhar realidades e abusos semelhantes. Muitas mulheres vivem em condições de moradia

muito difíceis, em casas pequenas e lotadas, sem terraços ou jardins. Ficar em casa 24 horas por dia, 7 dias por semana, causou problemas psicológicos e traumas para as crianças pequenas, o que aumenta a carga sobre as mulheres. Viver sob ocupação israelense e ser forçada a suportar suas várias consequências torna isto uma realidade muito singular para as mulheres palestinas.

O confinamento tem duas faces complicadas: o medo do vírus e a ocupação. No caso de Jerusalém, a violência é social, econômica e política, o que aumenta a injustiça praticada contra ambos, mulheres e homens. Mas, obviamente, podemos notar que a violência é voltada para mulheres vulneráveis devido ao seu gênero.

Acompanhando meu grupo de mulheres, aprendi muito sobre seus sofrimentos e dificuldades, que incluem abusos sexuais, verbais, emocionais e psicológicos, além da privação econômica causada pela pandemia. Uma mulher disse: "Devido ao confinamento, estou em depressão, angústia e isolamento. Não tenho certeza de quanto tempo isso vai durar e como eu poderia voltar à minha vida normal." Ela mencionou que as oficinas e as reuniões mudaram sua vida para melhor e agora tudo mudou.

Outras ficaram com medo de falar porque não há privacidade em casa. Falar sobre seu sofrimento pode ser recompensado com violência contra ela. Uma mulher não conseguia falar, mas conseguiu enviar mensagens no WhatsApp para descrever seu sofrimento diário sob o confinamento.

Apesar de todas essas imagens difíceis de sofrimento e violência, algumas das mulheres disseram que o confinamento é uma oportunidade de reunir suas famílias, já que, na vida normal, ficarem tão juntos e juntas não era possível.

Para fornecer ajuda básica a essas mulheres, consegui conectar algumas delas com centros de aconselhamento e apoio psicológico em Jerusalém Oriental. Quando o confinamento terminar, essas mulheres e suas crianças precisarão receber aconselhamento presencial para superar as consequências de longo prazo em sua saúde mental. Muito trabalho deve ser feito para ajudar as mulheres a sobreviver e se tornarem fortes e corajosas para enfrentar a violência doméstica com sabedoria e vigor.

Contato: Hana Kirreh, Hk26669@hotmail.com

Utilizando a mídia para quebrar tabu

Por Abigail Saidi, Associação de Mães (AM), Uganda

Em Uganda, temos apresentado programas de rádio e programas de TV para aumentar a conscientização sobre a Violência Baseada em Gênero e, especificamente, o aumento de casos como resultado da pandemia COVID-19. Quando o programa de VBG foi implementado em todas as regiões de Uganda, vários casos não relatados começaram a surgir. Isso porque existe uma prática cultural de calar os casos de violência, já que é tabu falar ou denunciar quem é o perpetrador. Essa é uma das práticas culturais com as quais estamos lidando através deste programa, com o objetivo de ter mais casos denunciados e também de aumentar a conscientização sobre a violência contra mulheres e crianças nas comunidades. Um esforço deliberado foi feito, através dos programas de rádio, para construir a confiança nas pessoas para relatarem qualquer forma de violência às autoridades locais.

Depois de alguns programas de entrevistas no rádio, a Coordenadora de Desenvolvimento Comunitário da AM da Diocese de West Buganda (Buganda Ocidental) ouviu falar de um pastor que havia traficando algumas meninas para sua casa. Como resultado de ouvir os programas,



alguém se sentiu capaz de se apresentar e relatar o que tinha ouvido sobre o pastor. O pastor foi encontrado escondendo 25 meninas menores de 18 anos, violando seus direitos por não lhes dar comida e também por ter relações sexuais com elas. Ele enganou seus pais dizendo-lhes que as estava levando para boas escolas depois do confinamento em Kampala. Quando a AM descobriu, pudemos colaborar com os policiais que prenderam o pastor e devolveram as crianças aos pais. Por estarmos enraizadas na comunidade, agora podemos apoiar as famílias para superar esse trauma por meio de aconselhamento e apoio psicossocial.

As pessoas agora começaram a reconhecer a importância de denunciar casos de violência. Quebrar algumas normas culturais que promovem a violência contra crianças e mulheres exige esforços contínuos por meio de sessões de rádio e diálogos comunitários para conter a situação.

Contato: Naomi Herbert, Naomi.Herbert@mothersunion.org

Ação diaconal enquanto VBG aumenta

A Reverenda Bianca Daebis é ministra auxiliar da Paróquia Anglicana do Bom Pastor em Salvador, Bahia, Brasil. É também diretora fundadora do Grupo Interdisciplinar de Gênero e Educação (GIGE) do Centro Universitário Dom Pedro Segundo em Salvador-Bahia. Aqui, ela descreve uma série de medidas que foram tomadas em resposta aos níveis crescentes de violência baseada no gênero (VBG).

As Mulheres da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil desenvolveram ações específicas na área de prevenção e combate à violência contra mulheres e meninas, que se intensificaram na última década.

Em 2011, foi inaugurada a Casa Noeli dos Santos em Ariquemes, Rondônia, que acolhe mulheres em situação de violência e seus filhos ou filhas até que possam se reestabelecer socialmente sem perigo de morte iminente. (Leia mais sobre a Casa Noeli na página 11.)

Criamos e publicamos a cartilha “Prevenindo e Combatendo a Violência de Gênero contra Mulheres”, em três idiomas (português, inglês e espanhol), que teve o apoio do Serviço Anglicano de Diaconia e Desenvolvimento (SADD). Ela foi lançada em todas as dioceses e no distrito missionário.

Vídeos foram feitos sobre “Prevenindo e Combatendo a Violência de Gênero contra Mulheres” para atender às necessidades das mulheres em situação de violência durante a pandemia COVID-19. Neles participaram mulheres ordenadas e leigas de todas as regiões do mundo. Os vídeos foram editados em baixa resolução para que pudessem ser carregados com facilidade nos celulares das mulheres mais empobrecidas e remotas do Brasil.

Promovemos quatro simpósios sobre “Gênero, Religião e Diversidade” envolvendo lideranças religiosas, lideranças de movimentos sociais e representantes da academia que aconteceram na cidade de Salvador-Bahia, e também realizamos um simpósio sobre “Gênero, Direitos Humanos e Sexualidade”, em São Paulo, em 2016, onde lançamos uma revista com o mesmo título.

Em 2019 traduzimos para o português o livro da teóloga americana Elizabeth Cady Stanton, “The Bible for Women” [A Bíblia para Mulheres], que é um marco nos estudos de gênero e teologia feminista.

Um grupo de mulheres ordenadas e leigas se reúne para compartilhar a palavra e orar juntas a cada 15 dias por meio de uma plataforma virtual para interceder pelas questões que as afligem.

Durante a pandemia da COVID-19, participamos de ações ecumênicas, políticas e humanitárias com mulheres de outros grupos, como “Tirem seus Fundamentalismos do Caminho - Pela Vida das Mulheres”



e na coleta e entrega de cestas básicas para mulheres, na maioria mães solteiras nas periferias de Salvador e outras cidades brasileiras.

Lançamos o site “Empodere sua Irmã”, que é um espaço virtual dedicado a acolher, informar e tornar visíveis as ações das mulheres de fé, dentro e fora da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, com o objetivo de empoderá-las para a equidade de gênero, bem como prevenir e enfrentar

a violência de gênero, principalmente, a violência religiosa e a violência doméstica praticada contra mulheres e meninas. Site: <https://www.empoderesuairma.com>

Homens como defensores e vítimas

Colocando os homens em cena na Zâmbia

As consequências da pandemia da COVID-19 estão se tornando cada vez mais aparentes na Zâmbia. Os relatos de violência sexual e de gênero, incluindo casamentos infantis, aumentaram. A maioria das comunidades na Zâmbia está lutando com os efeitos da pandemia enquanto afunda ainda mais na pobreza. Nessas casas financeiramente frágeis, o aumento do trabalho infantil e da exploração e abuso sexual de mulheres e meninas é provavelmente menos prevenido.

Mulheres e meninas ficaram presas em suas casas com seus agressores e estão isoladas dos serviços e recursos de saúde sexual e reprodutiva. Confinamentos levaram ao fechamento temporário de escolas e outros espaços seguros para meninas e bloquearam o acesso a programas de orientação. As meninas foram expostas a um risco maior de VBG, casamentos infantis, gravidez indesejada e infecções por HIV.

Trabalhar em prol da igualdade de gênero empoderando as mulheres e engajando os homens é fundamental para alcançar uma série de resultados de desenvolvimento, incluindo redução da pobreza,

melhoria da saúde e atendimento a outras preocupações da população. Os relacionamentos de homens e meninos com mulheres e meninas podem apoiar ou impedir a melhoria dos resultados de saúde e desenvolvimento. Portanto, o Conselho de Igrejas na Zâmbia tem engajado ativamente homens e meninos na luta contra a VBG.

O conselho preparou 10 homens em quatro distritos como defensores contra a VBG em suas comunidades. Os homens também foram instruídos em questões paralelas para que possam denunciar todas as formas de violência sexual e baseadas em gênero em suas comunidades. Apesar dos confinamentos, os homens têm sensibilizado ativamente suas comunidades usando as estações de rádio locais.



Homens e meninos também podem ser vítimas de VBG. Um dos homens da Rede de homens já treinados, o Reverendo Terras, foi capaz de ajudar uma vítima do sexo masculino de VBG. Por causa da COVID-19, o Sr. Tembo (nome fictício) perdeu o emprego e foi o início dos problemas em sua casa. Eles começaram a ter problemas financeiros que levaram a brigas diárias em casa. Um dia eles tiveram uma discussão e a esposa do Sr. Tembo derramou água fervente nele.

O Rev. Terras relatou o assunto à unidade de Apoio à Vítima, que agiu rapidamente e a esposa foi presa. O casal agora está se submetendo a aconselhamento facilitado por membros da Rede de Homens.

Contato: Rev. Cônego Emmanuel Chikoya, Secretário Geral do Conselho de Igrejas da Zâmbia, chikoya@gmail.com

“Jantar na Igreja” gerando consciência

A reverenda cónega Helen Van Koevering é reitora da Igreja Episcopal de São Rafael no Kentucky, EUA. Sua igreja está respondendo ao aumento do abuso doméstico durante a pandemia.

Em outubro de 2019, o governador de Kentucky falou das ‘proporções epidêmicas’ de violência doméstica em todo o estado, com a violência praticada por parceiros íntimos como um fator em 46 por cento dos casos de abuso infantil e negligência. Agora, durante os últimos meses da COVID-19, abrigos de violência doméstica estão relatando aumento da intensidade de abuso como resultado do isolamento, desemprego e estresse. As linhas diretas estão relatando um aumento de 9% no volume de contatos em comparação com o mesmo período de 2019, com 10% das ligações citando os efeitos da COVID-19 como uma condição de sua experiência.

A necessidade de conscientização pública e apoio às vítimas é vital.

Quando o comitê missionário da Igreja Episcopal de São Rafael planejou nosso programa para 2020, não tínhamos contado com o que aconteceria em 2020. Por dois anos, realizamos o 'Jantar na Igreja' mensalmente para uma média de 45 pessoas se reunirem para uma celebração da Eucaristia sobre mesas repletas de ofertas de pratos trazidos pelas e pelos participantes, e compartilhamos em conversas sobre questões relacionadas à justiça - conversas nem sempre possíveis na hora do café entre os cultos ou missas de domingo.

Decidimos ter um tema de 'Cura para Famílias Vulneráveis' em uma série de cinco jantares da Igreja, e destacar cinco organizações locais que focavam no apoio a mulheres e crianças em recuperação de dependência, tráfico sexual, pobreza, encarceramento e busca de apoio jurídico. Todas elas/es consideraram a VBG como um denominador comum. Nosso objetivo era dar voz a sobreviventes,

aumentar a conscientização entre aquelas e aqueles que participavam dos jantares na Igreja e refletir sobre nossa resposta cristã e da comunidade da igreja.



Então, as restrições da COVID-19 apareceram. E nosso planejamento se voltou para o desenvolvimento de uma série de entrevistas temáticas online do Jantar na Igreja e com reflexões teológicas com cada uma dessas organizações. E, assim como os peixes e pães abençoados por Jesus, o número de participantes se multiplicou para uma média de 150 a cada noite.

A tecnologia combinada com corações apaixonados por justiça, missão e mulheres e crianças vulneráveis possibilitaram maior alcance, consciência e apoio. Isso também levou as organizações a fazerem vídeos que agora usam enquanto buscam continuar servindo remotamente a sobreviventes da violência.

Contato: Helen Van Koevering, revhelen@sreclex.org

Uma gravação da sessão do Jantar na Igreja está em <https://youtu.be/RmsIjzFaWQ>

Workshop “Diga Não à Violência”

Amal Sarah mora em Lahore, Paquistão, e trabalha como voluntária na Sociedade de Desenvolvimento e Serviço das Mulheres (SDSM), na Diocese de Raiwind, na Igreja do Paquistão. Ela estuda na Faculdade Cristã Forman (um Universidade Licenciada), buscando seu diploma de mestrado em Ciências Ambientais. Ela escreve:

Como parte do ministério SDSM, trabalhando para a melhoria da sociedade, capacitação, conscientização da saúde e enfatizando as questões sociais da sociedade, uma oficina de um dia sobre Conscientização do Abuso Doméstico foi organizada para 30 de setembro de 2020. O tema da oficina foi 'Diga Não à violência' - um passo para prevenir o abuso doméstico e a violência. Oitenta e nove pessoas da comunidade local, incluindo estudantes, membros de congregações de três paróquias da diocese e estagiárias/os de obstetrícia e estagiárias/os de enfermagem psiquiátrica comunitária do Centro de Reabilitação da SDSM participaram.

Durante o confinamento da COVID-19, um aumento na violência doméstica foi observado e os casos de estupro de mulheres e crianças aumentaram no Paquistão. Então, reunimos a comunidade local em uma plataforma para aumentar a conscientização entre eles. Sessões sobre violência doméstica, violência



contra mulheres, casos de abuso/estupro de homens e crianças foram conduzidas pela equipe do SDSM e uma equipe de voluntárias/os. Os fatores que levaram esses abusos a aumentar e deteriorar o tecido frágil da sociedade foram enfatizados. As/Os participantes foram agrupadas/os para atividades e foram solicitadas/os a propor soluções sobre como podemos, como indivíduos, igreja e sociedade, desempenhar um papel fundamental na prevenção de várias formas de abusos que ocorrem na sociedade paquistanesa.

Em uma das atividades do grupo, diversos versículos bíblicos foram compartilhados com as/os participantes sobre violência doméstica e elas/es tiveram a oportunidade de refletir e relacionar as referências bíblicas ao cenário atual da sociedade. Toda a oficina foi interativa e foi um espaço seguro, onde não apenas os problemas foram focados, mas também teve o objetivo de avançar em soluções para, pelo menos, dar um pequeno passo na criação de uma aura de paz e harmonia.

Contato: Amal Sarah, amalsarah78@yahoo.com
<https://www.facebook.com/wdssdioceseofraiwind1989/>

Parceria para restauração

Do Venerável Dr. Lyndon Drake, Arcebispo de Tamaki Makaurau (Auckland) e presidente do Te Whare Ruru hau o Meri, a Agência de Serviço Social da Igreja Anglicana Maori na Região Episcopal de Auckland.

Aotearoa/Nova Zelândia é famosa por suas belezas naturais. Menos conhecido é que também é notável por suas altas taxas de pobreza infantil e dano à família, incluindo VBG.

Em meu ministério em Auckland/Tāmaki Makaurau, não apenas li sobre estatísticas. Eu vejo os efeitos na vida das pessoas em meu ministério diário.

A Igreja Anglicana em nosso país tem feito um esforço significativo para reconhecer as diferenças na prática ministerial entre Māori (o povo indígena de Aotearoa/Nova Zelândia) e outros grupos étnicos/culturais. Meu próprio contexto de ministério é principalmente entre Māori. Os Māori são mais afetados pelo dano à família do que outros grupos da sociedade. Muitas pessoas que conheço e de quem cuido nas minhas paróquias foram prejudicadas ou são responsáveis por dano à família.

Em nosso ambiente anglicano Māori, nossa agência de serviço social é chamada *Te Whare Ruru hau o Meri* ("A Casa Abrigo de Maria"). Como o nome sugere, foi estabelecido com um reconhecimento particular dos danos infligidos por meio da VBG. Nos últimos anos, o Whare tem frequentemente adotado o termo mais amplo, "dano à família", para reconhecer que a violência de gênero é o componente mais proeminente de uma série de comportamentos prejudiciais semelhantes em grupos familiares.

No ano passado, o Whare trabalhou em estreita colaboração com mais de 3.000 whānau (famílias), com base em encaminhamentos. As famílias geralmente são encaminhadas ao Whare por uma parte do sistema de justiça criminal. Os incidentes de danos à família aumentaram nos últimos meses, influenciados pelo impacto econômico da COVID-19 e os confinamentos relacionados. Muitas famílias Māori são vulneráveis a pressões externas, devido ao legado de colonização e racismo sistêmico.

Um dos aspectos chave do trabalho do Whare é que podemos evitar abordagens paternalistas, porque como Māori controlamos a forma e o conteúdo da assistência de que as famílias vulneráveis precisam.

Como consequência, nosso trabalho e financiamento têm crescido rapidamente nos últimos dois anos, pois nossa abordagem distintiva Māori produziu excelentes resultados ao intervir em circunstâncias extremamente desafiadoras. O trabalho do Whare resultou na proteção de um grande número de crianças e adultos vulneráveis de novos perigos.

O desafio de trabalhar amplamente com base em encaminhamentos é que o Whare frequentemente tinha seu primeiro contato com uma família algum tempo depois de o risco de danos ser evidente. Por exemplo, muitos incidentes de gênero são trazidos à atenção externa pela primeira vez por uma chamada da polícia. Pode levar algum tempo para que outras partes do governo, como o Departamento de Justiça, tomem conhecimento do boletim de ocorrência policial e decidam que um encaminhamento para o Whare seria apropriado.

Nos últimos meses, temos feito parte de uma parceria extremamente eficaz entre várias agências diferentes e, em particular, com a polícia. A força policial local fez um acordo com o Whare e outras agências para alugar um prédio juntos. O último andar abriga policiais que lidam com danos a família no sul de Auckland. O andar térreo abriga o Te Whare Ruruahu o Meri e outras agências. O prédio foi batizado de Te Taanga Manawa pelo nosso bispo, um nome que se refere ao coração das pessoas que as agências ajudam e ao coração de Deus para com a humanidade.



A Primeira Ministra da Nova Zelândia, a Honorável Jacinda Ardern, abre o Te Taanga Manawa

Quando um incidente de dano à família chega ao conhecimento da polícia, as/os assistentes sociais do Whare podem receber os encaminhamentos imediatamente, e há uma probabilidade consideravelmente maior de uma intervenção positiva precoce. A polícia se tornou um agente de redenção, não apenas de retribuição.

Podemos continuar a ter uma voz distintamente cristã em nossa ação social. Em parte, isso ocorre porque a espiritualidade é reconhecida como um componente válido de bem-estar no modelo de saúde e prática social usado em Aotearoa/Nova Zelândia. Te Whare Tapa Whā ("a casa com quatro paredes"), derivada das abordagens Māori acerca do bem-estar pessoal e comunitário, tem a espiritualidade como uma de suas quatro "paredes". Sem se intrometer nas crenças pessoais, existe um certo nível de normalidade para o envolvimento espiritual.

Ao mesmo tempo, a competência Māori que o Te Whare Ruruahu o Meri traz é altamente eficaz na prática e distingue o nosso trabalho daquele de algumas agências seculares.

Esses dois aspectos profundamente valiosos de longo prazo da contribuição de Te Whare Ruruahu para a sociedade encontraram nova expressão em nossa parceria com várias agências em Te Taanga Manawa. Acredito que tivemos a sorte de encontrar uma abordagem extraordinariamente frutífera para o cuidado restaurador das pessoas afetadas e perpetradoras de danos à família e de cooperação com a polícia, agências governamentais e outras agências não governamentais, para refletir a ambição cristã de trazer restauração a um mundo quebrado.

Contato: Venerável Dr. Lyndon Drake, lyndon@tetaitokerau.anglican.org

Recuperando uma “Esperança de Vida” (‘Esprit de Vie’)

Marthe Vira, baseada em Kinshasa, é a Coordenadora de Desenvolvimento Comunitário Provincial da União de Mães na Província da Igreja Anglicana do Congo. Ela descreve como três irmãs receberam apoio após a violência contra elas.

Adele, Celeste e Estelle (nomes fictícios) são irmãs. Antes da chegada da pandemia COVID-19, elas podiam pagar aluguel em sua área. Elas costumavam ir aos mercados como vendedoras ambulantes de seus peixes e especiarias. Um dia, o marido de Celeste pediu às cunhadas que lhe dessem 100 dólares e disse que as reembolsaria com juros de 20 dólares. Elas aceitaram fazer isso.

Agora, durante o período de confinamento, o homem ficou sem condições de reembolsar o valor. Quando as irmãs foram até o homem para pedir seu dinheiro, ele as levou para um lugar isolado onde havia poucas pessoas e, com um grupo de jovens e meninos delinquentes criminosos (chamados aqui em Kinshasa de 'KULUNA'), começou a atacá-las. Elas as deixaram sem roupas e feridas.

O homem também foi à casa das irmãs e roubou todas as propriedades dessas três mulheres. As mulheres estavam aflitas, chorando todos os dias, sem esperança de vida ou 'esprit de vie'. Mas quando começamos nosso projeto relacionado à VBG, uma pessoa apaixonada pela justiça de gênero especializada na busca de sobreviventes as levou ao nosso escritório. Ela os aconselhou, orou por elas e deu-lhes materiais para apoiá-las. As irmãs estão agora recuperando seu "esprit de vie" e reiniciando suas atividades.

As mulheres agradecem a Deus por todo o trabalho que a União de Mães da diocese de Kinshasa está realizando através do departamento provincial da União de Mães em colaboração com a Mary Sumner House [Casa Maria Sumner] no Reino Unido, para ajudar as sobreviventes de VBG durante este período difícil de COVID-19.

Contato: Marthe Vira, marthevira1@gmail.com

Um abrigo para atender às necessidades

Entre as Cinco Marcas da Missão da Comunhão Anglicana estão "Responder às necessidades humanas com serviço amoroso" e "Transformar estruturas injustas da sociedade, desafiar a violência de todo tipo e buscar paz e reconciliação". Estes informam a prática desenvolvida no município de Ariquemes-RO no distrito missionário da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB) (que compreende os estados de Rondônia, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul), por meio do trabalho diaconal do abrigo Noeli dos Santos para mulheres em situação de violência doméstica.

A Casa Noeli foi criada como uma resposta à necessidade local, onde as mulheres que viviam violência em casa não tinham lugar seguro para ir. Era necessário um local adequado para responder a esta necessidade e assim a paróquia da Santíssima Trindade, representada por sua clériga, Reverenda Elineide Ferreira Oliveira, aceitou o desafio. Eles se mobilizaram localmente e criaram uma pessoa



jurídica para que fosse oficializada toda a documentação necessária para um órgão filantrópico.

Há nove anos, o trabalho de combate à violência contra a mulher é realizado e hoje o projeto tem reconhecimento municipal, estadual, nacional e internacional como uma obra de referência no combate a todos os tipos de violência contra mulheres.

As mulheres têm à sua disposição um local seguro, com sigilo de endereço e acesso aos serviços por meio

de órgãos públicos que são a porta de entrada no atendimento às mulheres em situação de violência. Na Casa Noeli, o atendimento é oferecido, 100 por cento gratuito, por um período de um a 90 dias, incluindo atendimento psicossocial. Os encaminhamentos são feitos aos órgãos competentes conforme a necessidade, como saúde, educação, judiciário, mercado de trabalho e cursos profissionalizantes, para garantir que as mulheres acolhidas na Casa Noeli saiam com o maior empoderamento possível e, assim, tenham forças para superar a violência que sofreram.

A Casa Noeli, única iniciativa do gênero em todo o Vale do Jamari que compreende o município de Ariquemes e outros nove municípios, tem atendido toda a região, fomentando novas políticas públicas e aprimorando as já existentes.

A casa é mantida pela pessoa jurídica Associação Anglicana Desmond Tutu, que recebe doações de parceiros locais e internacionais por meio do Serviço Anglicano de Diaconia e Desenvolvimento (SADD). Outros recursos vêm de fundos municipais por meio da cooperação com a administração pública. Essas parcerias são muito importantes para manter a Casa Noeli em pleno funcionamento, visto que há muitos gastos a serem mantidos.

As mulheres são acolhidas com seus filhos ou filhas e recebem produtos de higiene pessoal, alimentos e remédios, além de roupas doadas, pois muitas chegam apenas com as roupas que vestem e outros apoios.

A IEAB tem se destacado no combate à violência contra a mulher, sendo referência para outras igrejas que também têm sido despertadas para a necessidade de enfrentar e lidar com essa questão que vem se manifestando cada vez mais na sociedade. A violência doméstica é um problema de saúde pública que afeta todos os níveis de classes sociais, raças, credos e etnias.

As lideranças religiosas têm procurado incorporar em seus ministérios ações que fomentem o debate e abordem este tema urgente que deve ser enfrentado por toda a comunidade. É nessa forma de afirmar nossa fé que, como igreja, continuamos nos colocando como voz profética e colocando em prática o evangelho de Deus pregado nos templos de nossas igrejas. Damos voz àquelas que foram silenciadas e garantimos dignidade e direitos àquelas que foram invisibilizadas e vulnerabilizadas. Nós fazemos isso na certeza de que juntas podemos mudar esta realidade que atinge a todas nós como pessoas cristãs.

Contato: Revda Elineide Ferreira Oliveira, elineideieab@hotmail.com

Compostagem e Dignidade

Esta narrativa da Igreja de Bangladesh descreve como o empoderamento econômico de uma esposa ajudou a reduzir as pressões sobre o casal e levou a um relacionamento mais harmonioso.

Kalabati e seu marido Stephan moram no distrito de Rajshahi, Bangladesh. Eles não têm terra própria. Stephan cultiva terras por meio de um contrato de arrendamento de curto prazo com um proprietário e a família vive em condições precárias. Eles têm dois filhos que frequentam a escola primária.

A família não tinha paz. A pobreza intensificou-se devido ao confinamento da pandemia da COVID-19 e eles brigavam entre si. Kalabati enfrentou crueldade física e mental. Embora trabalhasse muito para a família, não conseguia ganhar dinheiro para contribuir com a renda familiar.

Em outubro de 2016, Kalabati se juntou ao Grupo de Desenvolvimento Gandharaja Shalom, uma ala de desenvolvimento da Igreja de Bangladesh. Como membro, ela recebe formação em vários assuntos, incluindo treinamento para vermicompostagem. Ela agora prepara o fertilizante vermiculita (usando vermes na decomposição de resíduos orgânicos) com a ajuda financeira de Shalom.

Durante o confinamento da COVID-19 este ano, Kalabati cultivou patal (cabaças pontiagudas) usando fertilizante vermiculita em nove décimos da terra, produzindo um rendimento muito bom. Até agora, ela vendeu 12 mil Takas de patal de sua horta. A safra pode ser vendida por mais um mês e há grande demanda no mercado local. O preço é bom porque o vegetal é delicioso e nutritivo. As pessoas perguntam: como é que existe uma colheita tão bonita? Então Kalabati disse: "É a magia do estrume de minhoca!" Ela nos diz com um sorriso: "Podemos economizar parte da renda da terra e gastá-la com a família. Posso usar o dinheiro para a educação tranquila de nossos filhos. Também sou capaz de realizar alguns dos meus próprios desejos. Se duas pessoas ganham na família, há paz."

A geração de renda aumentou o respeito e a dignidade das mulheres, por isso somos muito gratas à Shalom. A violência doméstica foi



Cultivando patal, cultivado em terreno fertilizado com compostagem

reduzida por meio de atividades econômicas de pequena escala. Os vizinhos estão aprendendo com a família como viver em paz e como reduzir a pobreza, tendo em mente as mudanças climáticas e o meio ambiente, reduzindo os fertilizantes químicos e os pesticidas.

Contato: Prodip Chand Mondal, Secretária do Moderador, Escritório do Sínodo na Igreja de Bangladesh, pcmondalcob@gmail.com

Construindo uma diocese livre de violência

Por Daniela Gennrich, Igreja Anglicana da África Meridional (Southern Africa)

O Ministério de Gênero começou na Diocese de Natal em 2017, quando fui nomeada Cônego Leiga para Gênero e Violência Baseada no Gênero pelo visionário Bispo Dino Gabriel. Na ocasião, ele me admitiu: “Não sei nada, mas sei que este é o chamado de Deus à Diocese. Estou contando com você para me ensinar”.

Começamos com um questionário para todas as partes interessadas, mas não rendeu muito. O bispo convocou quatro Fóruns para clérigas e clérigos sobre Gênero e VBG em 2017 a 2019. A maioria foi acalorada - mas a conversa havia começado.

A juventude de um arcediogo desafiou a liderança diocesana a explicar por que o mundo não era um lugar mais seguro sob nossa supervisão. Eles lideraram a campanha Domingo de Preto [Sunday in Black] em 2018.

No início de 2018, eu manifestei meu desconforto por termos falado sobre a Violência Baseada em Gênero como se ela estivesse "lá fora", sem considerar nossa própria integridade interna. O Bispo Dino foi muito decidido. Ele convocou uma conferência de imprensa, onde declarou que a Diocese tinha uma política de tolerância zero contra qualquer má conduta sexual ou de outra forma. Ele convidou sobreviventes a se reportarem a ele. Algumas o fizeram, e nós investigamos casos usando os 'Padrões Pastorais' da Igreja Anglicana da África Meridional. Alguns processos foram concluídos e a justiça foi feita; outros tornaram-se confusos e permanecem incompletos durante um longo interregno em nossa diocese.

Enquanto isso, alguns arcediogos ajudaram a levar a conversa ao nível paroquial e eu me encontrei com algumas equipes paroquiais em potencial.

Após a renúncia, por fim, do Bispo Dino, o trabalho de gênero parou por um tempo. O arqui-diácono Forbes Maupa foi nomeado Emissário do Bispo para me auxiliar no ministério de gênero.

Então veio o COVID-19 e o confinamento. Vários clérigas e clérigos relataram suas lutas para ajudar famílias à distância.

No início de junho, um membro da Associação de Mães (AM) e esposa de um clérigo supostamente cometeu suicídio em desespero, após anos sofrendo abusos conjugais. Com o apoio da liderança diocesana da AM, convoquei uma reunião de esposas do clero, outras mulheres e alguns membros da equipe do Ministério de Gênero. Ouvimos suas experiências, refletimos sobre possíveis caminhos a seguir e elaboramos propostas específicas de ações práticas, que foram aprovadas pelo Conselho. Mas então, o marido foi assassinado. Voltamos para o nosso plano de ações. As líderes da AM e da Comunhão de Mulheres Anglicanas colaboraram para atender às muitas necessidades das crianças.

A mim foi solicitado pausar o trabalho novamente. Em julho lançamos um convite para voluntários fazerem parte da construção de uma futura diocese sem violência. Agora temos uma equipe de mais de 30 clérigas, cônjuges, membros do Conselho, jovens e paroquianos e paroquianas.

Diferentes equipes estão liderando as seguintes atividades concretas:

- A redação de uma Declaração Diocesana sobre igualdade de gênero, justiça e VBG, que apresenta o endereço de e-mail das reclamações: safechurch@anglicansa.org.za. A declaração está enraizada na Cartilha Provincial Igreja Segura e Inclusiva.
- A realização de um vídeo mostrando que a VBG não está "lá fora", mas perto de casa, com uma campanha de mídia social baseada no vídeo para abrir a conversa e apontar pessoas para o Ministério de Gênero e para a Igreja Segura e Inclusiva.
- Uma equipe do Ministério de Homens está oferecendo Estudos Bíblicos Contextuais semanais pelo WhatsApp para homens abordando questões de desigualdade de gênero e VBG, e organizou uma primeira Marcha Virtual Masculina via Zoom.
- Um grupo de estudos bíblicos contextuais de mulheres está facilitando dois estudos com mulheres clérigas e ordenandas, e está planejando uma série de estudos bíblicos acessíveis para outras mulheres, para ajudá-las a recuperar partes da Bíblia que afirmam sua dignidade, vocação e liderança, com base na teologia feminista Africana.
- Gênero não é apenas sobre conteúdo, mas também sobre processo: Uma série de espaços de aconselhamento virtual confidenciais para pequenos grupos de clérigas solteiras e casais tem como objetivo ajudá-las a lidar com o estresse da COVID-19 e outros fatores de estresse importantes na Diocese.
- Sou um membro ativo da equipe das Igrejas Provinciais Seguras e Inclusivas. Continuamos a incentivar as pessoas a relatar incidentes de má conduta sexual e começamos a explorar algumas estratégias preventivas.
- A liderança das Organizações Diocesanas de Mulheres está planejando oficinas sobre VBG e Igreja Segura para seus membros.
- Estamos explorando o uso de tecnologia para estabelecer um serviço de informações virtual e possível linha de apoio.

O mais empolgante é que a nova equipe do Ministério de Gênero é tão diversa, e que mais e mais atividades estão surgindo a partir da base, à medida que algumas paróquias estão iniciando o diálogo sobre a VBG. Por exemplo, uma série de seminários online sobre VBG está sendo conduzida pela Comunhão de Mulheres Anglicanas em uma paróquia, outras já realizaram cultos ou missas focados em VBG e algumas têm Declarações de Inclusão.

Temos muitas histórias para contar e muitas lições para compartilhar. Este é um terreno difícil e desafiador! O Vigário Geral e o Conselho dão total apoio. Mas às vezes tem havido resistência e retrocesso. Às vezes não nos ouvimos bem como membros da equipe e temos que nos encontrar novamente. Não estamos nem perto de onde acreditamos que Deus quer que estejamos. Mas concordamos em viajar juntas, com todos os nossos pontos cegos e pontos fracos, e em meio a várias outras tensões sob a COVID-19.

Apreendi que é necessário um ministério capacitador, que aceite que estamos todas em uma jornada, que afirme o papel de cada pessoa e abra espaços para todas as ideias com potencial para serem experimentadas, mas também que nos convoque a sermos responsáveis dentro de uma estrutura clara de valores e princípios orientadores extraídos das Escrituras e da experiência.

Contato: Daniela Gennrich, coordinator@wwsosa.org.za

Daniela também é coordenadora da coalizão Nós Vamos Falar [We Will Speak Out] na África do Sul <http://www.wwsosa.org.za>

Assistência legal e aconselhamento

A Sociedade da Irmandade de Delhi (SID) foi fundada em 1973 pela Irmandade do Monastério do Cristo Ascendido em Delhi, Índia. Tem como objetivo servir as pessoas pobres e oprimidas, independentemente da casta, credo ou etnia, e trabalha particularmente entre idosos, mulheres e jovens de comunidades carentes para promover o seu desenvolvimento social e económico através da educação, abrigo, formação profissional, intervenção legal e parceria.

Nos dois exemplos a seguir de intervenção e assistência jurídica apoiadas pela SID, os nomes de todas as pessoas são fictícios.

O estudante universitário Hemani conheceu Aruj em um evento. Eles se tornaram amigos e começaram a se ver. Aruj costumava pedir a Hemani para ir a diferentes lugares para encontrá-lo. Depois de várias reuniões, ele começou a ter uma intimidade física com ela. Quando ela se recusou, ele disse que queria se casar com ela e que essa intimidade física era normal antes do casamento. Isso continuou por quase um ano e, finalmente, quando Hemani percebeu que ele não ia se casar com ela, ela parou de encontrá-lo. Ela também soube mais tarde que Aruj era casado e tinha mulher e uma criança pequena. Ele tinha se comportado de maneira semelhante com algumas outras jovens. Aruj insistiu que Hemani deveria se encontrar com ele uma última vez para resolver tudo o que havia entre eles. Ele então a estuprou. Hemani então ligou para a linha de ajuda da SID e depois de um tempo encontrou uma voluntária da SID.



Um caso sendo discutido no Mahila Panchayat: Programa de Empoderamento da Mulher, DBS

Membros do Mahila Panchayat (um conselho municipal informal de mulheres relacionado com a intervenção em crises e assistência jurídica a nível comunitário) dirigido pela SID, envolveram-se e, auxiliadas pela polícia e advogados, fizeram uma reclamação. Hemani foi submetido a um exame médico e um Relatório de Primeiras Informações foi aberto. Agora o caso está em tribunal e o processo continua.

Os membros do Panchayat fazem acompanhamento regular e apóiam Hemani com toda a papelada e outras necessidades.

O marido de Janya não era bom para ela, então, após nove anos de casamento, ela

voltou a morar com sua mãe e suas duas crianças pequenas. Enquanto ela morava com a mãe, o marido costumava visitá-la e, depois de alguns dias, discordava e batia em Janya antes de ir embora. Janya continuou morando com a mãe e duas filhas.

Um dia Janya deixou sua filha Urmi, de sete anos, sozinha em casa enquanto trabalhava como empregada doméstica em casas próximas. Sua mãe foi ao médico com a filha mais velha. Quando Janya voltou para casa, ela viu que Urmi estava chorando com uma dor terrível na parte inferior do abdômen. Ela também estava sangrando. Janya levou a criança às pressas para o hospital próximo, onde foi atendida por um médico. Ao voltar para casa, Janya perguntou a Urmi o que havia acontecido. Ela disse que um menino vizinho a levou para comprar chocolates e depois a levou para um lugar distante e a estuprou. Quando ela gritou, ele disse a ela para calar a boca, caso contrário ele a mataria e a deixaria lá. Urmi prometeu a ele que ela não contaria a ninguém e ele a trouxe de volta para casa.

A condição de Urmi piorou e o sangramento não parava, apesar do tratamento médico. Janya ligou para um parente que morava em Delhi, que conhecia uma conselheira da SID. Ela pediu a Janya para trazer a criança imediatamente para Delhi. Uma vez lá, Urmi foi levada ao Hospital Guru Teg Bahadur, com o qual colabora a Linha Direta de Mulheres da SID. Ela foi tratada lá por danos internos e infecções. O caso foi aberto e agora está no tribunal.

Enquanto isso, Urmi está melhor agora e morando com sua mãe. Ela está passando por aconselhamento e estará matriculada na escola quando ela for reaberta.

Contato: Rev. Solomon George, delhibrotherhood@gmail.com
Sociedade Irmandade Delhi: <https://www.delhibrotherhood.org>

A importância de compartilhar narrativas

A Rev. Moumita Biswas da Igreja do Norte da Índia escreve sobre duas iniciativas na Ásia em resposta à VBG durante a pandemia da COVID-19: um webinar e um festival.

Em setembro deste ano, 36 mulheres líderes de igrejas participaram de um webinar 'Mulheres Moldando a Paz Juntas'. As mulheres compartilharam suas histórias de desafio, esperança e resiliência e discutiram como estão trabalhando para acabar com a VBG durante esta pandemia.

O webinar foi organizado pela Rede "Comida Fala da História dela de Amor e Esperança" [Food Speaks Herstory of Love and Hope Network]. Esta rede criou um fórum onde mulheres líderes de igrejas asiáticas podem compartilhar estratégias, criar consciência, expressar solidariedade, consolar umas às outras na dor, nutrir a espiritualidade de amor e justiça umas das outras e fortalecer a rede de contatos para acabar com a VBG e abordar questões de segurança alimentar e justiça climática.

Durante o webinar, aprendemos muito umas das outras. Por exemplo, as líderes da Comunhão de Mulheres em Bangladesh estão ajudando operárias de fábricas de roupas (principalmente mulheres) à beira da fome e fornecendo alimentos e materiais de socorro, incluindo máscaras e equipamentos de proteção pessoal.

Mulheres líderes de igrejas no Paquistão estão tratando de questões de violência doméstica e capacitando umas às outras para quebrar o silêncio, com estudos bíblicos online e apoiando umas às outras em tempos de trauma e dor.

Mulheres líderes de igrejas no Nepal estão trabalhando em comunidades para empoderar as famílias a impedir o casamento infantil forçado, que aumentou durante a pandemia. A menina pequena é considerada um fardo no sul da Ásia.

No Sri Lanka, onde as mulheres são a espinha dorsal da economia, o Conselho Colombo de Responsabilidade Social da Diocese Anglicana priorizou o socorro às mulheres e crianças que são as mais vulneráveis neste tempo de crise. Eles também estão se concentrando na construção de famílias mais fortes, autossuficientes e sustentáveis e no apoio aos esforços de empreendedorismo de mulheres.

Durante a pandemia, ciclones recorrentes na Índia e em Bangladesh, resultantes das mudanças climáticas, destruíram os meios de subsistência das pessoas e o habitat natural. As mulheres compartilharam histórias sobre iniciativas de igrejas para construir comunidades e igrejas sustentáveis, plantar árvores, restaurar meios de subsistência e empoderar a população rural a desenvolver "hortas nutritivas" ou jardins para cozinha e cultivar vegetais para sustentar as famílias.

Durante o webinar, as mulheres líderes da igreja também discutiram estratégias para promover os 16 Dias de Ativismo e, depois de ouvirem sobre o Festival pela Paz e Justiça de Gênero, atualmente sendo observado por algumas congregações locais em Lahore, na Diocese de Raiwind, Igreja do Paquistão, elas terão como objetivo iniciar um festival semelhante em outras igrejas e países.



A Luz de Cristo: uma chama foi acesa no início do webinar

Alyssa Saleem é a iniciadora do Festival pela Paz e Justiça de Gênero em Lahore, que acontece de 1 de outubro a 10 de dezembro. De acordo com as informações do festival, “Outubro é muito importante para nos envolvermos em várias campanhas e iniciativas para acabar com a VBG e promover a justiça de gênero. Em outubro, observamos o mês de Conscientização sobre Violência Doméstica e Câncer de Mama, o mundo comemora o Dia Internacional das Meninas da ONU, e os 16 Dias de Ativismo são em novembro. Portanto, estamos iniciando várias formas de defesa para promover a justiça de gênero”.

Como em muitas partes do mundo, a VBG aumentou no Paquistão durante a pandemia. Um ataque de gafanhotos há alguns meses gerou pobreza, fome, miséria e violência doméstica. Mulheres, meninas e crianças são as mais vulneráveis.

A Igreja de São Pedro em Lahore organizou um workshop de conscientização para jovens em outubro sobre o tema ‘Pinte de lilás por um propósito’, já que a cor lilás é usada na campanha de fim de violência doméstica. Participaram 50 jovens, homens e mulheres. A metodologia utilizada foi o desenho de cartazes, seguido de discussão, reflexão contextual e contextualização da Bíblia.

Contar histórias é uma metodologia importante para quebrar o silêncio. A Comunhão de Mulheres da Igreja Memorial de Saint Esther (Santa Ester) organizou uma festa com partilha de comida para mulheres em outubro. Participaram mulheres líderes da igreja com idade entre 24 e 60 anos. As mulheres foram convidadas a compartilhar narrativas sobre como estão lidando com a pandemia e a violência que enfrentam em seus lares. Elas compartilharam sua comida e amor umas pelas outras e refletiram sobre a história do estupro de Tamar por seu meio-irmão Amnon, que abusou de seu poder e autoridade (2 Samuel 13). As mulheres líderes contextualizaram a história. Elas discutiram estratégias para criar consciência entre os membros da família e proteger meninas, mulheres e crianças em suas famílias e comunidades.

Contato: Revd Moumita Biswas, moumita.iawn@gmail.com

Rede Comida conta a história delas de amor e esperança [Food Speaks Herstory of Love and Hope Network], <https://www.facebook.com/groups/642836063000842>

Apoio diocesano comprometido

Por Robyn Andréo-Boosey, Gerente de Programa, Programa de Prevenção da Violência contra Mulheres, Diocese de Melbourne

No cerne do que nos une em nossa fé cristã está a expressão derradeira de amor em ação de Jesus. Ao longo de sua vida, Jesus foi movido à ação por seu amor pelas pessoas que estavam sofrendo e marginalizadas, restaurando-as à integridade e desafiando a injustiça que lhes roubou a dignidade dada



por Deus. Em 2018, como reflexo de seu profundo compromisso com o enfrentamento do problema da violência contra as mulheres, a Diocese de Melbourne, na Austrália, estabeleceu o Programa de Prevenção da Violência contra as Mulheres e nomeou uma Gerente do Programa.

Executado em parceria com as agências locais de bem-estar anglicanas, Anglicare Victoria, a Irmandade de Saint Laurence e Assuntos de Relacionamento, o

Programa visa apoiar e equipar líderes religiosas e comunidades para responder e prevenir a violência contra as mulheres.

Nossa visão é uma Austrália onde mulheres e meninas possam viver livres da violência e do medo da violência - uma visão clara firmada no conhecimento de que Deus está trabalhando entre nós para trazer cura, restauração e justiça em nossas vidas e em nossas comunidades.

Lideranças ordenadas, leigas e leigos precisam estar bem equipadas/os para responder às pessoas que sofrem violência. Líderes da igreja geralmente estão entre as primeiras pessoas informadas sobre as situações de violência contra as mulheres dentro de sua igreja. O programa, portanto, visa capacitar a diocese e os e as líderes da igreja para responder ao:

- fornecer treinamento sobre como reconhecer os sinais de violência, responder a uma revelação e encaminhar as pessoas para serviços de apoio profissional. Estamos trabalhando para integrar isso ao treinamento básico fornecido por faculdades de teologia para futuros e futuras líderes na Igreja.
- desenvolver políticas, procedimentos e diretrizes diocesanas sobre como responder à violência familiar e apoiar as pessoas que a experimentam.
- estabelecer um papel pioneiro em Segurança da Família nas paróquias para trabalhar com o clero. O representante disso é um líder leigo ou leiga treinado que se torna uma pessoa confiável para as pessoas falarem sobre violência familiar. Eles sabem como apoiar as pessoas de forma adequada e encaminhá-las para serviços profissionais.
- ajudar as igrejas a identificarem e se conectarem com seus serviços locais de violência familiar para que saibam onde obter aconselhamento profissional e para onde encaminhar as pessoas para apoio
- criar recursos na igreja, como cartazes antiviolência com informações da linha de apoio.

Apoiar pessoas que sofrem violência é fundamental. No entanto, nossa ação não deveria parar por aí. Precisamos tomar medidas para prevenir a injustiça da violência antes que ela comece. Prevenir a violência contra as mulheres é mudar a cultura e olhar para além das circunstâncias de casos individuais para compreender motivadores sociais mais amplos que sustentam e impulsionam esses altos níveis de violência contra as mulheres. Como pessoas cristãs, e juntas/os como Igreja, somos compelidas/os pelo amor de Cristo a mudar esta cultura. Líderes de Igreja podem ajudar a moldar as crenças, atitudes e comportamentos das pessoas e têm oportunidades de causar um impacto positivo na comunidade em geral, como por meio de grupos de vivência, atividades juvenis e preparação para o casamento. Portanto, procuramos capacitar a diocese e líderes de igreja para ajudar a prevenir a violência contra as mulheres, fornecendo:

- formação para motivadores sociais que sustentam e impulsionam os altos níveis de violência contra as mulheres e como lidar com eles
- mentoria/treinamento para líderes de igreja para dar-lhes espaço para refletir sobre seu aprendizado e como colocá-lo em prática em suas paróquias
- espaços de apoio entre pares para que líderes compartilhem ideias e recursos
- recursos de ensino para ensinar o plano de Deus de igualdade nas paróquias, incluindo em grupos de estudo da Bíblia, bem como no ministério com jovens e crianças
- ferramentas de autoavaliação da igreja para ajudar as paróquias a refletirem sobre suas práticas e cultura e identificar quaisquer áreas em que elas possam estar inadvertidamente dando mensagens que não auxiliam ou prejudiciais sobre o valor igual de homens e mulheres.

Amar nosso próximo ou próxima significa reconhecer que violência e abuso não são aceitáveis e fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para lidar com essa injustiça e modelar uma maneira diferente, semelhante à de Cristo.

Contato: Robyn Andréo-Boosey, pvaw@melbourneanglican.org.au

16 Dias: Por favor, junte-se a nós por meio online

Você está cordialmente convidada e convidado a participar de quatro painéis internacionais e três webinars interativos durante os 16 dias de ativismo, organizados por Mandy Marshall, Diretora de Justiça de Gênero do Escritório da Comunhão Anglicana.

Para mais detalhes e links, acesse <https://bit.ly/34L7ZJU> e mantenha contato nas redes sociais:

@AnglicansEndGBV @AnglicanWorld @AnglicanUN

<https://www.facebook.com/groups/IntAngWomen>

<https://www.facebook.com/AnglicanFamilies>

Todos os horários indicados abaixo são GMT/UTC

Os painéis

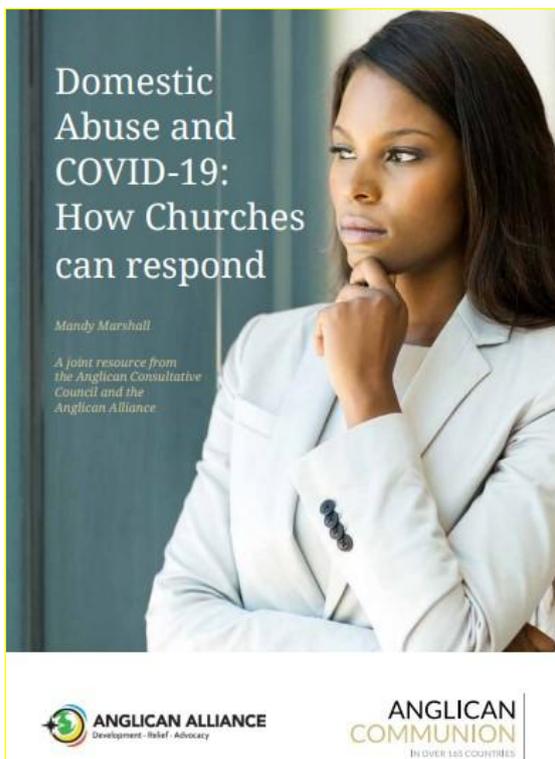
1. Enfrentando a Violência baseada em Gênero na Comunhão Anglicana - quarta-feira, 25 de novembro, 11h30
2. Envolvendo Homens no fim da VBG - Sexta-feira, 27 de novembro, 14h00
3. Teologia e oração: como nossa teologia nos envolve e nos motiva a agir - quarta-feira, 2 de dezembro, 12h30
4. Defesa e Justiça de Gênero - Quinta-feira, 10 de dezembro (Dia dos Direitos Humanos) 14h00

Os webinars sobre violência doméstica

Escolha o horário que melhor se adapta a você:

1. Quinta-feira, 26 de novembro, 06h30
2. Sexta-feira, 27 de novembro, 10h30
3. Segunda-feira, 30 de novembro, 19h00

Alguns recursos para nos ajudar



Baixe este recurso Anglicano em

<https://bit.ly/34L7ZJU> ou por e-mail

mandy.marshall@anglicancommunion.org

‘Não mais 1 em 3’

A Associação de Mães produziu um novo conjunto de recursos para os 16 dias de ativismo de 2020 e um pacote para seu primeiro Dia de Ação Global em 5 de dezembro. Baixe em <https://bit.ly/2IU38h9>. O A Associação de Mães Toda Irlanda [All-Ireland] produziu um Diário de Oração de 16 dias para uso especialmente durante a pandemia COVID-19, que revelou uma “sombra pandêmica” de violência doméstica. Na Irlanda, o Socorro à Mulher [Women’s Aid] verificou um aumento de 43 por cento nas ligações para suas linhas de apoio desde março de 2020. Baixe o Diário de Oração em www.mothersunion.ie.

Vivo e amoroso Senhor Jesus,

Nós nos lembramos de você como o defensor e Salvador das mulheres que sofreram violência e vergonha, Aquele que falou em nome delas restaurando sua dignidade e segurança. Nós nos lembramos de você ouvindo crianças que outros queriam silenciar e espantar.

E trazemos a Ti agora aquelas em nossas comunidades que vivem com medo das pessoas próximas a elas que usam a violência de todas as formas para controlá-las e ter poder sobre elas.

Lamentamos a forma como a Igreja às vezes possibilitou a violência e silenciou tantas pessoas, pois quando fingimos não ver, apoiamos o perpetrador, mandamos pessoas de volta a lugares de grande insegurança.

Senhor Jesus, dá-nos ouvidos para ouvir. Ajuda-nos a prestar atenção, a criar culturas de segurança, de falar a verdade, de graça vigilante.

Oramos isso por nossa igreja e pela Igreja em todos os lugares. Amém.

Kirsten Campbell, Diocese de Melbourne, Austrália

As opiniões de contribuintes individuais não refletem necessariamente as da RIAF ou da RIMA.